

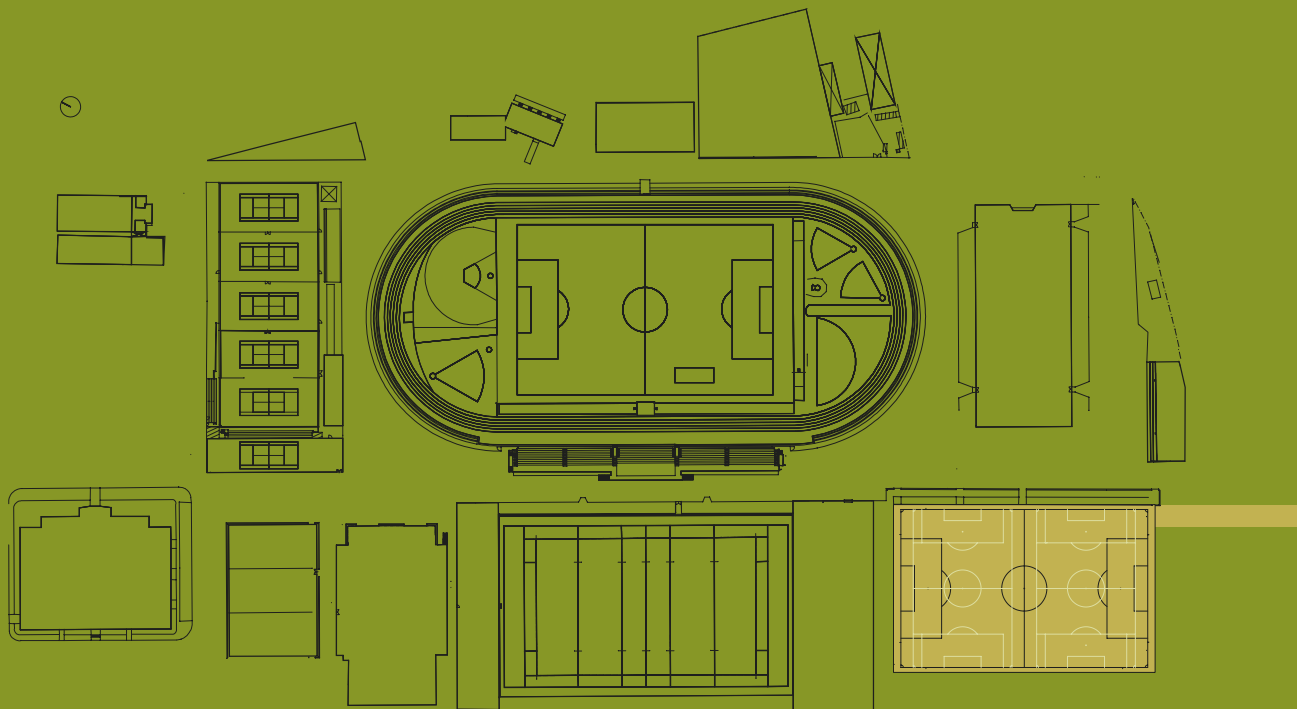
# ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA

a prática desportiva na universidade e na cidade

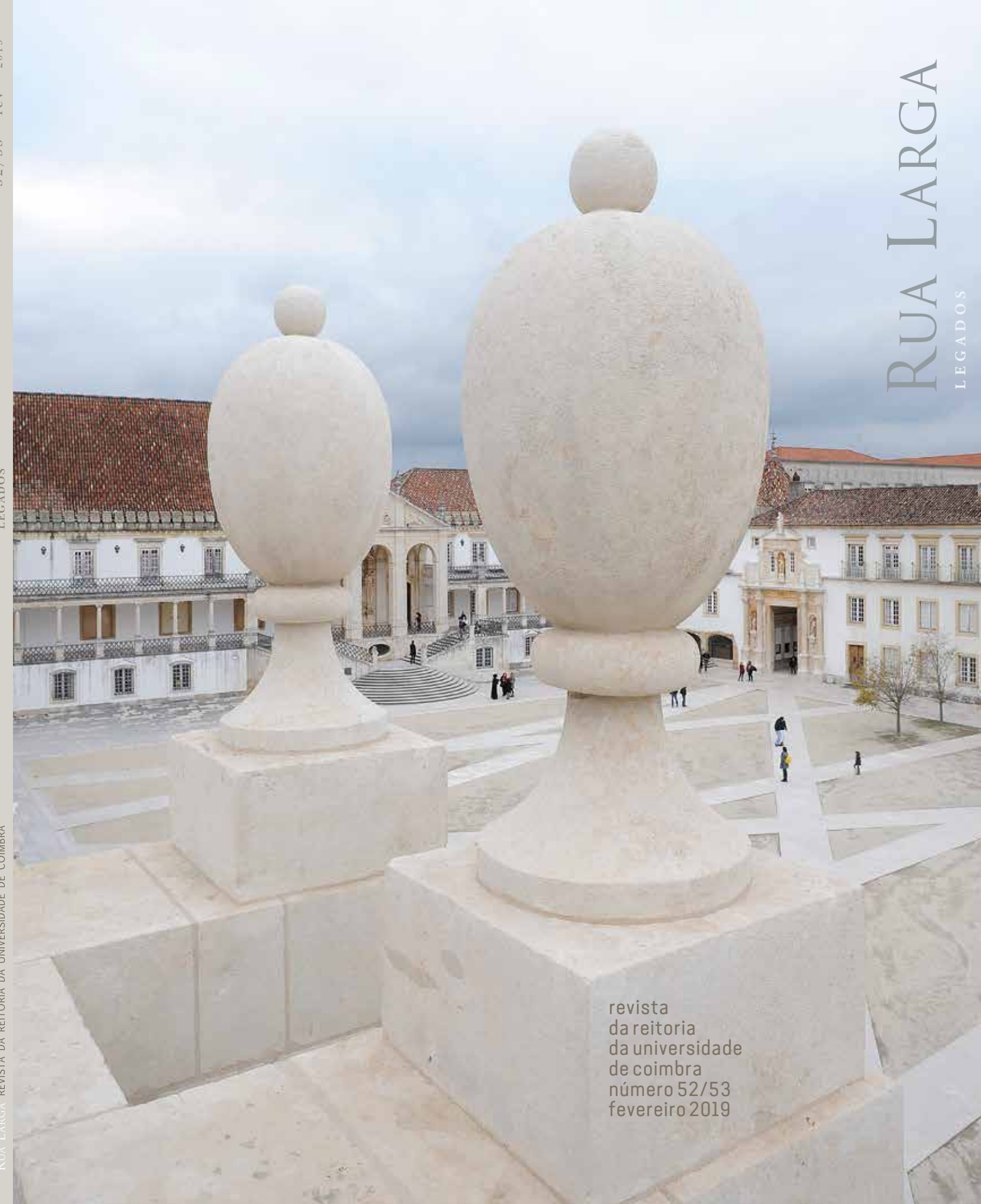
- |                 |                |                  |                |
|-----------------|----------------|------------------|----------------|
| ANDEBOL         | CULTURA FÍSICA | HALTEROFILIA     | RUGBY          |
| ATLETISMO       | DEFESA PESSOAL | HÓQUEI EM PATINS | TÉNIS EM CAMPO |
| BADMINTON       | FUTEBOL 7      | JUDO             | TIRO COM ARCO  |
| BASQUETEBOL     | FUTEBOL 11     | KARATÉ           | VOLEIBOL       |
| BOXE            | FUTSAL         | ESCALADA         |                |
| CONDIÇÃO FÍSICA | GINÁSTICA      | RADIOMODELISMO   |                |



CAMPO SUL \_UM NOVO ESPAÇO  
futebol 7 e futebol 11



[www.uc.pt/estadiouniversitario](http://www.uc.pt/estadiouniversitario)



# RUA LARGA

5 2 | 5 3

## L E G A D O S

**PROPRIEDADE**  
Universidade de Coimbra

**DIRETOR**  
João Gabriel Silva

**DIRETORA-ADJUNTA**  
Clara Almeida Santos

**EDITORA**  
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

**DIREÇÃO ARTÍSTICA**  
António Barros

**FOTOGRAFIA**  
João Armando Ribeiro

**INFOGRAFIA**  
Henrique Patrício  
Sara Baptista

**PRODUÇÃO**  
Luísa Lopes

**EDIÇÃO**  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Rua da Ilha, 1  
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL  
Telef./Fax.: 239 247 170  
Email: impressauc@uc.pt

**IMPRESSÃO**  
Gráfica Diário do Porto, Lda.

**TIRAGEM**  
1500 ex.

**ISSN**  
1 6 4 5 – 7 6 5 x • Anotado no ICS

**CAPA**  
Paço das Escolas, Universidade de Coimbra

www.uc.pt/rualarga  
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

**PONTOS DE VENDA**  
Loja UC  
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

### EDITORIAL

O Património de uma Universidade  
nos Caminhos do Futuro - P.05

*João Gabriel Silva*

### PATRIMÓNIO

Valorização e recuperação  
do Paço das Escolas  
e do Colégio das Artes:  
pensar a parte com sentido do todo - P.06  
*Vitor Murtinho*

A Porta Férrea  
da Universidade de Coimbra - P.15  
*Maria de Lurdes Craveiro, Luísa Trindade*

**ENTREVISTA**  
António Filipe Pimentel - P.18  
*Marta Poiares*

Da Troika a Leslie - P.24  
*Vitor Murtinho*

Reabilitação  
das Estufas Tropicais  
do Jardim Botânico  
da Universidade de Coimbra:  
um laboratório de atmosferas - P.39  
*João Mendes Ribeiro*

Diálogo intercultural  
em patrimónios  
de influência portuguesa - P.42  
*Walter Rossa*

Nos dez anos dos Estatutos da  
Universidade de Coimbra - P.44  
*João Filipe Queiró*

### DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Os Jogos Europeus Universitários  
Coimbra 2018 - P.49  
*Mário Santos*

De volta ao Estádio:  
as instalações desportivas da cidade  
universitária de Coimbra - P.54

Para além da utopia:  
pensar a identidade do desporto  
universitário a partir dos Jogos Europeus  
Universitários Coimbra 2018 - P.56  
*António Barros*

**RETRATO DE CORPO INTEIRO**  
Dupla de sangue, suor e lágrimas - P.62  
*Marta Poiares*

**criação literária**  
O nadador de sonhos - P.64  
*Nuno Carrilho*

●  
**LUGARDOS LIVROS**  
*Prémio Joaquim de Carvalho 2018*  
Alguns Homens do Meu Tempo  
e Outras Memórias de  
Jaime Batalha Reis (2017) - P.70  
*Elza Miné*

**CAMINHOS**  
21.ª Semana Cultural  
da UC - P.72

UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

I  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS  
U



# A Porta Férrea

## da Universidade de Coimbra

MARIA DE LURDES CRAVEIRO \*  
LUÍSA TRINDADE \*\*

A Porta Férrea da Universidade de Coimbra (UC) constitui a entrada de aparato que dá acesso ao Pátio das Escolas, retirando o seu nome da grade de ferro que fecha o vão, e cujos batentes estão datados de 1640. Erguida no reitorado de D. Álvaro da Costa (1633-1637), desde o projeto (1633) do arquiteto António Tavares, a sua construção foi acompanhada pelo empreiteiro Isidro Manuel que a rematou em 1634, como consta em cartela na face exterior da Porta. A documentação até agora publicada permite, assim, a identificação do projeto e da responsabilidade construtiva ao mais alto nível na cidade. António Tavares, mestre das obras na cidade desde 1629 e mestre das obras da Universidade de 1642 em diante (“por ser pessoa inteligente, e comuir muito a Universidade auer pessoa bom official e que entenda bem das obras”), tem uma atividade que se estende até 1656, assumindo um comprometimento com espaços tão significativos para a cidade e para a Universidade, como o mosteiro de Santa Clara-a-Nova ou a reconstrução da Sala dos Capelos<sup>2</sup>. Isidro Manuel, em 1628 considerado “o melhor mestre de obras que avia na terra”<sup>3</sup>, assumia, em 1633, a empreitada que compreendia a Porta Férrea, as escadas que a norte se erguiam para dar acesso às casas do reitor, a reconstrução da vizinha capela do Colégio de S. Pedro, o novo portal da entrada com ligação a Santo António da Pedreira (com desenho seu) e mais obra na cadeia da Universidade<sup>4</sup>.

Documentação inédita<sup>5</sup> possibilita agora a atribuição da escultura avulsa que preenche a Porta ao escultor de Águeda Manuel de Oliveira. Até hoje com um único trabalho conhecido, a Senhora da Conceição no plano superior do portal da igreja da Misericórdia de Aveiro, executada em 1654<sup>6</sup>, a Manuel de Oliveira pode assim ser acrescentada a obra, tomada de empreitada a Isidro Manuel, das “oito figuras pera a porta desta Universsidade que se fes de novo e como estam postas e acabadas (a 17 de abril de 1635) como vem a saber. duas Universsidades e dous Reis figuras del Rei dom Diunis e del Rei dom Joam, ha figura de Canones, ha de theologia, ha de Leis e medissina em presso e quantia de dezassete mil reis... pela trasa que lhe foi dada ... ele suplicante as fes a rogou do Senhor doutor Marsal Cazado assistente da obra”<sup>7</sup>. Ainda no rasto das lições quinhentistas lançadas em Coimbra, quanto ao tratamento anatómico e à proporção, diluía-se aqui uma dimensão humanista mais intransigente e a escultura ganhava a projeção vertical e espiritualizada que ia também assumindo noutros formatos e noutros materiais. Ao corpo escultórico da Porta Férrea pertencia a clareza da narrativa que ia, nem mais nem menos, ao encontro de uma retórica de autoridade e poder. Isso mesmo se expressa também pela complementaridade pictórica que acompanha o trabalho pétreo, e cuja extensão é hoje de muito difícil recuperação. E dessa irradiação de brilho da estrutura emblemática da Porta dá igualmente conta o douramento a que a figura da Universidade foi sujeita em 1635, pelo pintor Francisco da Fonseca<sup>8</sup>.

1 GARCIA, Prudêncio Quintino, *Documentos para as biografias dos artistas de Coimbra*, Coimbra, 1923, p. 288.

2 CRAVEIRO, Maria de Lurdes, *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitetónicos*, Tese de Doutoramento polic., Coimbra, FLUC, 2002, pp. 545-546; RUÃO, Carlos, “A Porta Férrea ou a Joyeuse Entrée”, *Monumentos*, n.º 8, Lisboa: DGEMN, 1998, pp. 28-29; CRISÓSTOMO, João Miguel Lameiras, “O Teto da Sala dos Capelos”, *Monumentos*, n.º 8, Lisboa: DGEMN, 1998, pp. 41-47.

3 ALMEIDA, Manuel Lopes de, “Acordos do Cabido de Coimbra”, P. II, *Arquivo Coimbrão*, vols. XXVII-XXVIII, Coimbra: Coimbra Ed., 1980, p. 161.

4 ALMEIDA, Manuel Lopes de, *Artes e ofícios em documentos da Universidade*. Século XVII, T. I, Coimbra, 1970, pp. 187-194.

5 Resultante da investigação levada a cabo pelos estudantes Manuel Marques Inácio e Catarina Teixeira, no âmbito do trabalho escolar para a disciplina de Temas de Arte Religiosa, do Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural da FLUC, no ano letivo de 2014-2015.

6 NEVES, Amaro, *A Misericórdia de Aveiro nos séculos XVI e XVII*. “A mayor do mundo, pois o he do Reyno”, Aveiro: Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, 1998, p. 219.

7 AUC: Cx 2 IV-1ªE-10-1-2, fl. 93.

8 “Dis Francisco da Fonseca pintor que ele pintou e dourou o que lhe mandou o Senhor Reitor que foi a figura da Univercidade que esta sobre a

Toda a obra dava-se, finalmente, por concluída em novembro de 1635, quando foi sujeita a avaliação pelos mestres pedreiros Sebastião Manuel e Manuel Gaspar<sup>9</sup>.

A Porta Férrea é muito mais do que uma estrutura funcional de acesso à Universidade. Reconfigurando a antiga entrada no Pátio das Escolas, herdeira do Paço islâmico e já posicionada no bloco oriental que seria alvo da grande intervenção nos períodos manuelino e joanino, a entrada principal do Pátio era ladeada por dois fortes cubelos que as representações gráficas do século XVI ainda mostram. De cada lado, e acompanhando os diferentes usos do edifício, confrontou, a norte, com os aposentos do príncipe, os aposentos do reitor, as casas do Concelho e da Fazenda e, finalmente, com a Reitoria; a sul, o bloco oriental acolheria sucessivamente os apartamentos dos oficiais, os alojamentos de escolares e mestres e o Colégio de S. Pedro que para aqui foi transferido em 1574<sup>10</sup>.

Criadas as condições que permitiram a compra da estrutura do grande quadrilátero a Filipe II em 1597, o Paço Régio transformava-se, então, com propriedade, no Paço das Escolas. A Porta Férrea, articulando-se também com a estrutura de arcaria quinhentista que com ela se alinhava, a norte e a sul nos pisos térreos (e que as sucessivas sondagens ao longo dos séculos XX e XXI permitiram recuperar), seria a grande realização que ostentava, finalmente, a consciencialização (no interior do Pátio e para o exterior) do novo significado do edifício. Do velho reduto fortificado, a que os dois cubelos na entrada davam expressão e sentido, surgia agora a projeção do serviço público ao mais alto nível e conjugando, na âncora do conhecimento, a relação intrínseca entre o sagrado e o profano. Dessa efetiva mudança, dará conta a nova organização compositiva que integra um programa iconográfico alusivo às Faculdades, aos reis fundadores e à Sabedoria. Definida à maneira retabular com dois espelhos que ordenam os formulários clássicos, a Porta apresenta, na face exterior, as figuras da Lei (onde a última intervenção recompôs a face danificada) e a Medicina (a mais deteriorada); nos planos superiores, o rei D. Dinis (que a iconografia representa com a cruz da Ordem de Cristo, fundada com o seu apoio e proteção) e, rematando o discurso, a alegoria à Universidade. Do lado oposto, são as Faculdades de Teologia e Cânones que se alojam nos nichos inferiores e têm sequência em leitura

porta. E toda ela dourada e honde gastou muito ouro porque foi feito em hua escada, e o vento o levava todo: iuntamente hua grade de ferro dourada e pintada a oleo de vermelho fino...”: AUC: Cx 2 IV-1<sup>a</sup>E-10-1-2, doc. 109.

9 AUC: Cx 2 IV-1<sup>a</sup>E-10-1-2, doc. 80.

10 PIMENTEL, António Filipe, *A Morada da Sabedoria I. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da Universidade*, Coimbra: Almedina, 2005; ROSSA, Walter, *Diversidade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Tese de Doutoramento polic., Coimbra, FCTUC, 2001; DIAS, Pedro, *A arquitetura de Coimbra na transição do gótico para a renascença. 1490-1540*, Coimbra: Epartur, 1982, pp. 68-94.

vertical preenchida pelas representações de D. João III<sup>11</sup> e, novamente, a Sabedoria. O retábulo que assim se organiza, convocando essa dimensão de sacralidade no diálogo estabelecido entre o temporal e o espiritual, integra, dentro dos ingredientes clássicos preenchidos com os querubins em geografia calculada, a chancela do sagrado que sustém e credibiliza os saberes e a instituição que os tutela. O tratamento da figura da Universidade, onde não faltam os atributos do livro com a peneira e do mocho, faz-se representar coroada e com cetro rematado por um dos mais icónicos emblemas do régio poder, a esfera armilar, jogando na ambiguidade entre a Sabedoria e a Senhora, Rainha do Céu.

O acentuado decorativismo de que, nem a Universidade nem a cidade ainda prescindem avançado o século XVII, também expressa bem, não um qualquer sentido retrógrado e avesso às posições mais “chãs” que dominam nesta altura a filosofia construtiva da generalidade do país, mas antes a manutenção consciente do pacto com a herança humanista, alimentada pelo mosteiro de Santa Cruz e pelas Escolas, e com a reiterada sedução pelas lições que João de Ruão tinha fixado para a cidade. Não ao acaso, a racionalização do programa, a que conduzem as regras de simetria e proporção nesta leitura ascensional, acolhe ainda os indicadores de um mundo mágico e perturbador como as máscaras (a maior parte das vezes retiradas da gravura nórdica que circula abundantemente em Portugal) que rematam superiormente as aletas, tal como, por exemplo, era exposto na campanha de obras que decorreu quase em simultâneo na sacristia do mosteiro crúzio.

O conjunto aposta, enfim, na organização de um duplo arco triunfal que extrai da Antiguidade Clássica os significados, em simultâneo, de vitória, celebração e regeneração. A estratégia assim definida reivindica para a Porta Férrea um sentido iniciático que se reforça no ato de atravessamento pela cobertura abobadada com 42 caixotões cruzados e é acompanhada pelos frisos ornados, mais uma vez, de querubins e motivos clássicos e vegetalista. A perspectiva de axialidade remetida para o percurso do exterior, e já intuída na gravura quinhentista de Hoefnagel, teria um desenvolvimento no futuro que haveria de culminar nas obras do Estado Novo e na realização calculada da grande avenida do Saber que parte das escadas de Cottinelli Telmo e desemboca, finalmente, na Porta Férrea e no recinto sacralizado do Conhecimento. E, já nas palavras de Nicolau de Cusa, “porque por nenhuma outra via que não seja a dos símbolos é possível aceder às coisas divinas, poderemos então recorrer aos signos matemáticos como os mais convenientes por causa da sua incorruptível certeza”<sup>12</sup>.

11 Francisco Franco retomaria, no século XX, a mesma estratégia propagandística com a realização das esculturas dos reis: D. Dinis colocado no acesso ao recinto da Universidade e D. João III na interioridade recatada do Pátio das Escolas.

12 CUSA, Nicolau de, *A Doutra Ignorância*, Lisboa: FCG, 2008, p. 25.

A campanha de intervenção a que a Universidade submeteu recentemente a Porta Férrea obedeceu a uma preocupação de salvaguarda patrimonial e permitiu a captação mais circunstanciada das regulares atuações a que foi sendo sujeita. Documentalmente, as primeiras notas registadas (em finais de 1727, e a menos de um século após a sua conclusão) referem o trabalho na pedreira de Portunhos e o transporte de várias carradas de pedra para o “*concerto do arco da porta Ferria*”<sup>13</sup>. A 24 de janeiro de 1728, Gaspar Ferreira assumia “*fazer a obra q nescita fazerse no arco da porta ferria desta und’ em preco e coantia de sem mil reis na forma dos apontam<sup>tos</sup> q pera ico tinha feito e por elle assignados...*”<sup>14</sup>. Não é possível determinar com exatidão a extensão desta reforma que nasce da necessidade do “*concerto*” da estrutura, mas a observação dos elementos formais e decorativos que acompanham a abóbada de berço levantam a suspeita de uma intervenção forte, que se entregava então ao mestre de obras e arquiteto mais credenciado na cidade.

Os registos de despesa da Universidade ao longo do século XX também não são mais explícitos: a 2 de março de 1911 indicase o pagamento por “*Concerto na porta ferrea e em fechaduras*”; a 31 de outubro de 1912, por “*Restauração da porta ferrea, Reforma do seu portão de ferro e concertos*”<sup>15</sup>. A documentação proveniente da ação da DGEMN sobre a Universidade e a Porta Férrea (e divulgada pelo SIPA) é mais generosa. Nela se dá conta dos restauros efetuados por Bernardo Teles, em 1949, que envolvem o trabalho de cantaria em pedra de Portunhos, “*de aparelho moldurado em frisos, pilastras, capiteis e nervuras da abobada na porta ferrea incluindo o arranque das pedras a substituir...*” e o levantamento dos pavimentos de mosaico da Porta Férrea. Parece claro que a estrutura mais frágil e a que ofereceu maiores cuidados foi a parte interna e, por isso mesmo, a que sofreu maior caudal interventivo, cujos efeitos são hoje bem visíveis a quem faz o percurso crítico e atento da travessia, agora potenciados pela última intervenção, com outro fôlego técnico e mais amplo enquadramento conceptual no que às teorias de conservação e restauro diz respeito.

\* Professora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC)/Investigadora do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da UC

\*\* Professora na Faculdade de Letras da UC/Investigadora do Centro de Estudos Sociais da UC

13 AUC: IV-1<sup>a</sup>E-1-2-3, maços de novembro e dezembro.

14 ALMEIDA, Manuel Lopes de, *Artes e ofícios em documentos da Universidade. Século XVIII (1726-1753)*, T. III, Coimbra, 1974, p. 49.

15 AUC: IV-1<sup>a</sup>E-10-2-13.

